

organizadoras

Sandra dos Santos Andrade

Marília Forgearini Nunes

Luciana Piccoli

# ENSINO Remoto

alguns temas emergenciais  
para uma prática pedagógica  
nos anos iniciais do Ensino Fundamental



organizadoras

Sandra dos Santos Andrade

Marília Forgearini Nunes

Luciana Piccoli

# ENSINO Remoto

alguns temas emergenciais  
para uma prática pedagógica  
nos anos iniciais do Ensino Fundamental



2021

São Paulo

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Caroline dos Reis Soares
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Editoração eletrônica	Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbida
Imagens da capa	Kali., Vectorium, Rawpixel.com - Freepik.com
Revisão	Luciana Piccoli Sandra dos Santos Andrade Marília Forgearini Nunes
Organizadoras	Sandra dos Santos Andrade Marília Forgearini Nunes Luciana Piccoli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

E598 Ensino remoto: alguns temas emergenciais para uma prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Sandra dos Santos Andrade, Marília Forgearini Nunes, Luciana Piccoli - organizadoras. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 176p..

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-5939-289-6 (eBook)

1. Educação. 2. Ensino remoto. 3. Aprendizagem. 4. Escola. 5. Pandemia. 6. Ensino Fundamental. I. Andrade, Sandra dos Santos. II. Nunes, Marília Forgearini. III. Piccoli, Luciana. IV. Título.

CDU: 370  
CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.896

---

**PIMENTA CULTURAL**

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 1

# 3

*Marília Forgearini Nunes  
Sandra dos Santos Andrade*

**LITERATURA  
E INCLUSÃO  
NA EDUCAÇÃO:  
DUAS PERSPECTIVAS  
QUE COLOCAM  
O ASSUNTO EM PAUTA**

DOI: [10.31560/pimentacultural/2021.896.50-64](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2021.896.50-64)

## INTRODUÇÃO<sup>7</sup>

O presente artigo apresenta duas perspectivas como seu título já delimita. Abordamos a relação entre literatura e inclusão, colocando em pauta uma articulação possível entre um objeto de leitura, a literatura infantil, com um tema cuja reflexão é sempre necessária no campo da educação na perspectiva da democracia e da diferença, a inclusão de crianças com deficiência na escola.

Para delimitar essas duas perspectivas, tomamos o geral e o específico como organizadores. De modo geral, primeiramente podemos dizer que nossas reflexões têm a intenção de pensar como a literatura e a inclusão podem ser pautadas na escola de Educação Básica, mais especificamente os anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir desse contexto, nos propomos primeiro a pensar o texto literário infantil como gênero textual e de que modo suas características estéticas promovem o tema da inclusão ou tornam o estar na sala de aula acessível a todos, possibilitando que essa temática possa estar presente na escola a partir de experiências de leitura mediada. O segundo ponto de vista assumido ultrapassa o olhar pesquisador, oferecendo um modo de encarar a relação literatura e inclusão com lentes convexas, confluindo a mãe-professora ou a professora-mãe de criança com deficiência. Nesse segundo modo de pautar o assunto, mesclamos essas identidades no desafio de nos posicionarmos com olhar técnico, mas sem perdermos a sensibilidade para exigir outros e novos modos de ver e fazer as coisas neste mundo, especialmente a inclusão de todos.

Entendemos que esses olhares convergentes para o texto literário infantil com suas características estéticas e para a prática pedagógica inclusiva são meios de promover a reflexão sobre a relação litera-

<sup>7</sup> Este texto foi produzido a partir da live “De que pode falar a literatura infantil” ocorrida em julho de 2020 no canal QQB UFRGS em <https://www.youtube.com/watch?v=SQ-B1tF5yfc>

tura e inclusão, pontuando alguns princípios de mediação pedagógica que podem deixar a discussão latente para novos estudos.

## LER LITERATURA: (RE)CONHECER O OUTRO

O documento que subsidiou a Política Nacional de Inclusão em 2005 afirmava, em sua introdução: “A capacidade que uma cultura tem de lidar com as heterogeneidades que a compõem tornou-se uma espécie de critério de avaliação de seu estágio evolutivo, especialmente em tempos de fundamentalismos e intolerâncias de todas as ordens como este em que vivemos”. (PAULON; FREITAS; PINHO, 2005, p. 7). Falar sobre “Literatura e inclusão” é oportunidade de compreender como a literatura pode ser meio de ampliar referenciais culturais e o reconhecimento da diferença como característica essencial do humano e, ainda, oferecer repertório para reflexão e para lidar com as heterogeneidades da qual todos fazemos parte em uma ou outra medida.

Abordamos, portanto, a inclusão sob uma perspectiva ampla, considerando a diferença como característica de todos. No entanto, tomamos o cuidado de não tornar essa perspectiva reducionista e acabar por excluir ao invés de incluir. Estamos atentas para não banalizar a diferença, tendo o respeito como algo suficiente para diminuir a desigualdade. Respeito é essencial. No entanto, as diferenças precisam de merecida atenção e problematização. Sem estarem no foco e sendo pautadas, algumas diferenças podem ser mais visíveis do que outras, fruto de uma questão cultural que acaba por categorizar as diferenças entre aceitas e não aceitas, ampliando a exclusão de determinados modos de ser e pertencer a este mundo. Podemos ser baixos ou altos, gordos ou magros, pretos ou brancos, mas nem sempre podemos ser cegos, surdos, portadores de algum transtorno ou síndrome. Quem decide que diferenças importam? Enxergamos essas diferenças com naturalidade? Esta-

mos atentos para não sermos juízes das diferenças aceitas e daquelas que preferimos nem aceitar nem perceber que existem?

Nessa perspectiva, entendemos a literatura como meio de ensinar a lidar com o diferente, de (re)conhecê-lo, de com ele conviver e não ignorá-lo. A possibilidade dessa experiência com o diverso, com o outro, é função da literatura. A literatura é como nos diz Teresa Colomer meio de “[...]iniciação das novas gerações ao *diálogo cultural* [grifo da autora] estabelecido em qualquer sociedade por meio da comunicação literária.” (COLOMER, 2017, p. 11).

Ler o texto literário é experiência que possibilita ampliar “[...]o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo[...]”. (TODOROV, 2016, p. 21). Possibilita reconhecer o diferente a partir do texto literário, compreender que há outros modos de ser, agir, pensar, viver e que todos fazem parte desse mundo com igualdade de direitos, de pertencimentos. Também possibilita identificar-se com o humano ficcional e poético, fortalecendo os laços de existência com o humano real que habita esse mundo. Tudo isso é função da literatura que se vincula à inclusão.

A literatura porém não está à serviço da inclusão. Desse modo, como a literatura pode exercer essa função sem conduzir a um sentido panfletário ou fechado e que a tornaria limitada? Não podemos esquecer que a arte literária apresentada em seus textos “só pode dizer uma única verdade, a saber: a verdade não existe ou [em outras palavras] que ela se mantém para sempre inacessível.”, é mutável e inconstante. (TODOROV, 2016, p. 40). E é esse o valor de tal arte: estar aberta à leitura de todos e de cada um a partir das singularidades de quem a lê.

O modo com que a diferença, como característica humana, é tratada na literatura, não precisa ser estereotipada, explícita, aguardando apenas a chave de leitura para ser aberta ao mundo. A sutileza estética quase sempre é mais potente que a racionalidade explícita na promoção de sentidos e pensamentos.

Desvelar as diferenças de modo sensível, sem estereotipá-las, pode ser mais potente para o fazer inclusivo da literatura, pela possibilidade de abertura aos sentidos produzidos a cada leitura e por cada leitor. Esses diferentes sentidos produzidos permitem a (re)construção do modo como vivemos e reconhecemos a diferença que habita em cada um de nós e habita o outro, de maneiras diferentes. Destacamos essa sensibilidade como importante na infância, quando a criança está descobrindo o mundo e pode ser auxiliada a percebê-lo de modo mais amplo, empático e atento ao diverso como algo que o constitui. Ler o texto literário pode ser uma experiência verdadeiramente inclusiva, pois permite (re)conhecer a diferença do outro, em um contexto em que ela não pode ser evitada ou colocada à parte em um mundo ideal.

Para isso trazemos alguns exemplos da literatura infantil cuja mediação da leitura pode levar a pensar sobre como a diferença está presente em nosso cotidiano. O viés da diferença é uma possibilidade de leitura desses textos, outros podem ser encontrados por cada leitor que com esses textos interagir, dependendo da sua perspectiva.

Michael Stephen King é um autor australiano, publicado aqui no Brasil pela editora Brinque-Book. Em seu livro, escrito e ilustrado por ele, *Vira-lata* (KING, 2005), a situação da falta de moradia é pautada a partir de um cão perdido em uma cidade. As imagens de King provocam, de modo sutil, a percepção de que o pequeno animal é apenas mais um ser perdido em busca de abrigo em uma noite fria. Somos muitos em busca de acolhimento, cada um com suas necessidades e diferenças.

Outro exemplo, de livro voltado ao público infantil, é o livro *Raposa*, de Margaret Wild, ilustrado por Ron Brooks (Brinque-Book, 2005). Nesse livro, um cão e uma galha estabelecem uma amizade a partir da ideia de que nos complementamos, o cão é cego de um olho e a galha não pode mais voar por conta de uma de suas asas ter sido queimada. Essa amizade é abalada com a chegada da raposa. Cada um dos personagens apresenta ao leitor um modo de ser e agir frente



ao mundo e frente às relações com o outro, semelhante aos modos de ser e agir que estabelecemos em nosso cotidiano. Bondade, maldade, confiança, traição são temas que podem emergir de uma experiência de leitura mediada dessa obra a partir da compreensão do leitor e de uma mediação planejada (NUNES; RAMOS, 2012).

Outro exemplo é o livro *Os invisíveis*, de Tino Moriconi (Ed. Casa da Palavra, 2012). Essa obra, de modo semelhante ao livro de Michael Stephen King, tem como mote a invisibilidade social. Silvana Gili (2016, p.183) afirma que essa obra provoca o leitor a olhar o que é invisível a partir da imagem que acompanha o texto verbal. Tanto no livro de King (2005), quanto no de Moriconi, a imagem, elemento sensível na constituição da literatura infantil, possibilita que o diverso possa ser visto por nós.

Destacamos esses livros como exemplos nos quais podemos identificar a diversidade, no modo de apresentar os personagens, nas imagens, na opção pela animização para presentificar o diverso, no modo de tratar esse diverso imerso em uma realidade em que outras diferenças se fazem presentes. A leitura desses textos por si não promoverá a inclusão, não educará o olhar para reconhecer e compreender o diverso de mim, isso se dá por meio de uma mediação adequada que passa pelo desenvolvimento de diferentes estratégias do mediador para ampliar as possibilidades de interação e de produção de sentidos com o que se lê. Algumas dessas estratégias podem ser (SANTOS e SOUZA, 2011):

- Retomar e/ou construir o conhecimento prévio: A inclusão, as diferenças que nos constituem precisam ser assunto de reflexão nas salas de aula, na família, na sociedade a partir de livros informativos que abordam a questão de modo lúdico o que não significa insipiente, raso.
- Estabelecer conexão, entre textos, entre vivências: Ler é conversar sobre, é buscar relações entre o que leio, o que li e o que

sou, vivi e experimentei, ressignificando o momento presente e o entendimento sobre as coisas.

- Realizar inferências: Compreender o texto, usá-lo como meio de investigação para confirmar ou refutar suas hipóteses e sentidos.
- Visualizar: Quando lemos, criamos imagens pessoais, que podem ser mais ou menos restritas. O tipo de imagem presente nos livros possibilita que essas imagens sejam mais ou menos ricas, abertas à diversidade.
- Fazer perguntas ao texto: Ler não é aceitar, é instigar o questionamento, a curiosidade.
- Sintetizar: Construir conhecimento, sentidos a partir do lido e do conhecido por cada um antes e após a leitura.

Tais estratégias são importantes para que a leitura literária transcenda a experiência isolada e se torne experiência vivida e presente; experiência que se torna vital para conhecer o mundo e as diferenças que constituem esse lugar singular e único assim como seus habitantes. Tais experiências fazem mais sentido quando compartilhadas entre pares, colocando em xeque as construções prévias pelo olhar do outro que nem sempre permite outras formas de ver. Nestes partilhamentos, os sujeitos (re)constituem suas identidades e as formas de habitar este mundo como um sujeito de direitos, mas também como um sujeito que percebe os direitos do outro.

## CONEXÕES POSSÍVEIS: LEITURA E INCLUSÃO

Consideramos que, ao articular leitura e inclusão, é necessário discorrer um pouco mais sobre o que vimos tomando como inclusão. Fazemos isso não só como professoras de uma Faculdade de Edu-

cação numa universidade pública que tem se mostrado cada dia mais preocupada e implicada com esta questão, mas também como pessoas imbricadas social e politicamente com o tema. Assim, nesta escrita, as identidades das autoras se mesclam, se confundem, mas também desafiam, posicionam e exigem outros e novos modos de ver, ser e fazer as coisas neste mundo e, principalmente, no campo da educação.

Olhando para a dimensão cultural, podemos pensar a inclusão de uma forma mais ampla, como possibilidade de pertencimento e atuação em diferentes espaços. Por este viés, buscamos ver de que forma os lugares que nos são destinados, são demarcados, pré-destinados considerando o que é socialmente considerado ou aceito como normal e adequado, como já mencionamos anteriormente. Tais delimitações servem como pretexto para nos incluir ou excluir dos mais diferentes processos e espaços de pertencimento, servem para justificar relações sociais assimétricas e desiguais. Muitas vezes, as identidades que constituem aquilo que somos são silenciadas e negadas, pois são compreendidas como fora da curva, fora da normalidade. Todos os elementos que nos fazem diferentes, articulados entre si, se tornam mais potentes e vão produzindo múltiplos processos de inclusão e exclusão e servem para organizar práticas mais robustas de controle e de governo dos corpos.

Como exemplo de diferenças multiplicadas, podemos pensar na criança pobre, com dificuldades de aprendizagem, repetente e com algum transtorno. Este controle dos corpos, tanto dos adultos como dos corpos das crianças, acontece nas mais diferentes instituições: família, medicina, igreja, escola, etc. A escola configura-se como um espaço de controle importante, pelo número de sujeitos que atinge e ensina, capaz de produzir inclusão e exclusão a um só tempo. O fato de estar inserido na escola não garante a efetiva inclusão nela.

Ouve-se muito que as pessoas, diferentes de nós, devem ser toleradas ou respeitadas. Carlos Skliar (2004) traz à discussão a questão da dissimulação, da camuflagem do preconceito através

do uso de verbos denominados de “verbos democráticos”: respeitar, aceitar, tolerar, reconhecer. Ele afirma que não é tão importante o significado dicionarizado dessas palavras. Importa bem mais quem é que diz a palavra, pois é como se a palavra pudesse substituir a ação – à medida que eu digo que respeito ou tolero, faço a minha parte, minha tarefa social e não é preciso fazer mais nada. Tanto a tolerância quanto o respeito surgem como palavras brandas, superficiais, frágeis ou, politicamente corretas e, por isso, muitas vezes nos libertam de nos responsabilizarmos pelo outro.

Reafirma-se, assim, a suposta superioridade de quem é capaz – ou detém a prerrogativa para – aceitar, tolerar ou suportar o outro em sua infinita inferioridade. Ao pensar nas questões de inclusão/exclusão escolar de cegos, surdos, com dificuldades de aprendizagem, pobres, negros/negras, repetentes, jovens e mulheres, percebemos que, “ao longo do tempo, e nas diferentes sociedades e culturas, a escola sempre esteve envolvida com a formação de determinados tipos de pessoas” (MEYER, 2002, p. 52) ou de posições de sujeito. Vemos, então, que é através da linguagem que os processos de inclusão/exclusão vão sendo produzidos, evidenciando as relações de poder que estão fundamentando a produção da diferença, por meio de relações que são desiguais.

Enquanto a exclusão é o afastamento, o desconhecimento, o banimento, a negação, a inclusão é o conhecimento, o exame, a apreciação e a análise. A escola faz este esquadrinhamento constante de seus estudantes na busca da normalidade, na insistência da normalidade. É quase intolerável conviver com o diferente de mim. Não somos capazes de conviver e lidar com a diferença sem estranhamentos, sem buscar estratégias para marcar ou normalizar estes sujeitos que não se encaixam. E, assim, a escola e seus especialistas seguem, nomeando, laudando, medicalizando, buscando espaços de confinamento destes estranhos. Entretanto, não é este entendimento de inclusão escolar que desejamos. Nas palavras de Mantoan, a inclusão exige

[...] a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. (MANTOAN, 2003, p. 35)

A autora segue dizendo que “estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já a inclusão é estar com, é interagir com o outro.” (MANTOAN, 2003, p. 35) Ou seja, estar junto não é, necessariamente, estar incluído. A inclusão exige mais, é mais trabalhosa do que isso. E o que temos visto são crianças que ocupam o mesmo espaço que as outras, mas não estão com elas, quando muito, estão ao lado delas. A educação inclusiva visa não só o acesso à escola chamada regular, mas também a democratização da aprendizagem a todos os educandos, e isso só é possível num espaço em que se torne viável o respeito às diferenças (de todas as ordens), o respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem, as diferentes condições de estar na escola.

É, então, na interseção das duas palavras – excluir e incluir – que a escolarização de crianças e jovens vem se organizando ao longo do tempo, nomeando o normal/anormal, o dentro/fora, o eficiente/deficiente, o não-repetente/repetente, enfim, incluído e excluído. Mas um processo que inclui nunca é completo, nunca dá conta do todo, pois incluir nem sempre converge com estar dentro da norma.

Isso porque incluir não é tornar-se igual é, sim, considerar as diferenças dentro de um meio social que insiste em normatizações. O processo de inclusão pressupõe adaptação da instituição escolar para atender as necessidades dos alunos na sala de aula regular, e dar acesso ao que é considerado como básico na formação de um cidadão, que é a aquisição das habilidades de leitura e de escrita.

Uma turma é, sempre, constituída por um grupo heterogêneo de alunos, nela sempre haverá crianças com as mais variadas habilidades e necessidades. Numa sala de aula inclusiva, a heterogeneidade é presumida e desejada. E como fazemos para ensinar a tantas pessoas diferentes num mesmo espaço? A leitura pode ser uma via para acessar o desejo, mobilizar a vontade e o prazer em estar na escola e aprender. A literatura na Educação Infantil e nos anos iniciais faz com que os alunos vivenciem histórias, desenvolvendo a criatividade e a imaginação. As leituras variadas abrem possibilidade à formação da sensibilidade, um meio de nos apropriarmos ou recriarmos a realidade.

O livro (literário ou informativo) nos outorga a possibilidade de educar para incluir, posto que a diversidade é encontrada nas mais variadas manifestações da língua e permite que vozes excluídas socialmente tenham direito à fala. Este comentário faz lembrar o livro *A grande fábrica de palavras* de Agnes de Lestrade (Aletria, 2010). A história se dá num país onde as pessoas quase não falam, pois é preciso comprar as palavras para poder pronunciá-las. Imaginem vocês, quem são as pessoas que têm direito a voz neste “estranho” país? Com este exemplo, pode-se ver que um texto (literário ou informativo) atravessa e organiza num mesmo espaço diferentes campos do saber possibilitando a aproximação com a realidade de um modo sensível, criativo, simbólico, mas profundamente problematizador. Podemos dizer que a leitura oferece uma função social facilitadora da empatia pelo outro, compreender emocionalmente algo ou alguém não é uma habilidade simples e precisa ser desenvolvida. Por isso, não é de hoje que muitas professoras, famílias e outros profissionais têm utilizado a literatura infantil no trabalho com crianças. O que muda, hoje, é que estamos começando a intuir sua potencialidade no trabalho com crianças e jovens que possuam algum tipo de deficiência ou mesmo como fonte para problematizar as diferenças no nosso meio cultural, a fim de desenvolver as habilidades de empatia, habilidades para lidar com as diferenças de modo sensível e, a um só tempo, perceber-se como sujeito da diferença.

Destacamos, então, a relevância dos livros infantis em dois vieses: um que pensa os livros literários como recurso pedagógico para promover a aprendizagem na inclusão e, também, como um recurso para estimular a inclusão. Um segundo viés entende os livros informativos como uma estratégia de sensibilização do olhar, de ler e compreender textos, de compreender as coisas do mundo, ampliando o conhecimento prévio do leitor. Para tanto, no estudo de livros para crianças, a espanhola Ana Garralón (2012, s/p) afirma, que “[...] é importante mudar algumas práticas escolares e incorporar de maneira natural livros que contam como é o mundo, livros que convidam a uma reflexão, e livros que informam sobre tudo aquilo que as crianças veem de maneira fugaz na vida real”. Tais livros ajudam na construção de repertório para reflexão em outras tantas leituras.

Ao trabalhar com textos literários e informativos, ainda temos o benefício de favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita, o desenvolvimento da cognição, da afetividade e da imaginação. Também podemos utilizar os livros na sala aula como recurso de reflexão e análise crítica quando questionamos: Quem é representado na maioria dos livros de literatura infantil? Eu me vejo nestas imagens? Quem são as princesas? Como as mulheres são representadas neles? É preciso ensinar os alunos e alunas a reconhecerem bons livros, a prestar atenção não só no texto, mas nas imagens, nas entrelinhas. Além dos exemplos que já apresentamos, outro bom livro mais informativo do que literário, porque apresenta uma biografia é “Malala, a menina que queria ir pra escola” de Adriana Carranca (Companhia das Letrinhas, 2015) que recebeu o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o prêmio tem uma modalidade somente para esse gênero literário.

Os livros citados envolvem um processo de compreensão do lido com autonomia ou do que foi lido por outrem. Envolvem o desenvolvimento da linguagem, ampliação do vocabulário, compreensão de certas figuras de linguagem. O livro atua como instrumento mediador

da aprendizagem, de diferentes aprendizagens. E este processo pode ter início antes mesmo da escolarização formal, em casa, na família. Os livros devem estar sempre à mão, devem ser manuseados, vistos, lidos em diferentes momentos, mais de uma vez, de diferentes formas com diferentes objetivos ou com objetivo nenhum – objetivo declarado é claro, porque ele é subjacente a qualquer processo de leitura.

Consideramos e privilegiamos a leitura intuitiva, livre, a leitura fruição, mas não somente ler ou contar uma história livremente. Principalmente na escola, há momentos que exigem um planejamento intencional, ele começa com a escolha do livro de acordo com o tema que queremos desenvolver, levando em consideração a faixa etária. Depois disso, o livro é estudado pela professora que pensa na motivação prévia, nas estratégias de narração, nas intervenções e na finalização, tudo com a intenção de favorecer a interação dos ouvintes com o livro e a história. Os recursos devem ser cuidadosamente pensados, nem sempre a melhor estratégia é contar a história com o livro na mão mostrando as imagens, “mas necessita-se de objetos tridimensionais, texturas, cheiros, sons, outros estímulos que façam a criança ou adulto com deficiência se apropriar, entender, entrar e se movimentar nas histórias.” (AZAMBUJA; ROZEK, 2017, p. 819), tudo dependerá do leitor que será mediado. À medida que tomamos este cuidado no planejar, não precisaremos temer a dificuldade de atenção e concentração dos alunos e alunas. Quanto mais a prática da leitura criativa, cuidada, se torna comum no ambiente da sala, mais os estudantes aderem ao exercício de ouvir e interagir com o texto.

Para finalizar trazemos uma última preocupação, recomendação ou cuidado com a escolha dos livros. Importante ficarmos atentas ao tamanho da fonte, o tipo de letra (letras com muitas serifas dificultam a leitura, principalmente nos anos iniciais), livros muito pequenos ou muito grandes que dificultam o manuseio (a questão motora é uma dificuldade em muitos transtornos), a gramatura do papel (papel muito



fino dificulta o folhear e se rasga com facilidade), por fim, a qualidade das imagens (elas também contam a história).

## REFLEXÕES FINAIS

Finalizamos, reiterando a função da literatura vinculada à inclusão, pois nos possibilita conhecer e ampliar nossos referenciais culturais, sociais e imaginários e para isso utilizamos o que nos diz Todorov (2016): “Hoje se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver.”. Essa possibilidade de viver, de aprender a viver, que a literatura oferece é que nos permite arriscar dizer que ela deve ser parte essencial para que o tema da inclusão seja colocado em pauta nos diferentes contextos em nossa sociedade. Nosso contexto de destaque aqui é a formação docente e a mediação da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola básica. O tema da inclusão precisa se fazer mais presente na escola, não apenas a partir do aluno em sala de aula, mas principalmente auxiliando a todos, democraticamente, a perceberem e refletirem que a diferença é inerente ao humano.

O tema da inclusão das diferenças, precisa, como buscamos argumentar ao longo do texto, estar presente na escola como um tema transversal, e a literatura infantil, a partir de bons textos, pode fomentar a reflexão tão necessária sobre incluir, aceitar e compreender a diferença como constituinte do que somos e não como a exceção.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Isabella Kessler; ROZEK, Marlene. A mediação de leitura na perspectiva da inclusão social na Biblioteca Pública Municipal Josué Guima-

rães (BPMJG). In: *I Seminário Luso-brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão*. Porto Alegre: PUCRS, 2017, p. 816-828.

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2017.

GARRALÓN, Ana. O livro informativo. *Revista Emília*. 29 de junho de 2012. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/o-livro-informativo/>. Acesso em: 23 maio 2019.

GILI, Silvana. Invisíveis na cidade: invisibilidade social nos livros ilustrados contemporâneos. *Caderno de Letras*, Pelotas. n. 27, p.183-198, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/8816>. Acesso em: 6 fev. 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. *Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer? Coleção cotidiano escolar*. São Paulo: Moderna, 2003.

MEYER, Dagmar E. Esterman. Das (im)possibilidades de se ver como anjo. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves (orgs.). *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 51-70.

NUNES, Marília Forgearini; RAMOS, Flávia Brocchetto. Leitura mediada do texto híbrido: algumas possibilidades. *Currículo sem fronteiras*, v.12, n.1, p. 229-243, jan./abr., 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/nunes-ramos.pdf>. Acesso em: 24 set. 2013. ISSN 1645-1384.

PAULON, Simoni Mainieri; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; PINHO, Gerson Smiech. *Documento subsidiário à política de inclusão*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

SANTOS, Ana Maria Martins da Costa; SOUZA, Renata Junqueira. *Andersen e as estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

SKLIAR, Carlos. A materialidade da morte e o eufemismo da tolerância. Duas faces dentre as milhões de faces deste monstro (humano) chamado racismo. In: GALLO, Sílvio; SOUZA, Regina Maria (orgs.). *Educação do preconceito: ensaios sobre poder e resistência*. São Paulo: Alínea, 2004. P. 69-90.

TODOVOV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2016.